

Educação Dialógica em Paulo Freire

Ana Lúcia Souza de Freitas¹

Por que tematizar a educação dialógica em Paulo Freire num encontro de Educação Ambiental? Tal proposição tem como ponto de partida o entendimento de Loureiro (2004) acerca de que

Certos conceitos e categorias teórico-metodológicas passaram a ser tão comuns e recorrentes na fundamentação dos projetos, programas e ações que se esvaziaram de sentido. O resultado foi uma perda de densidade na compreensão do que caracteriza a Educação Ambiental e de capacidade de refletir e se posicionar diante de tendências existentes e que legitimamente buscam se afirmar no processo de consolidação desta, enquanto política pública no país (p.19).

O autor posiciona-se em defesa da tendência emancipatória em Educação Ambiental, ou seja, aquela cujo sentido educativo se constitui num “movimento de libertação consciente e de superação permanente das formas de alienação material e simbólica, coletiva e individual, existentes em cada fase historicamente definida” (p.31-32). Também referida como Educação ambiental crítica, popular ou transformadora, esta tendência apresenta, entre outras, as seguintes características: a compreensão complexa do ambiente, a politização da problemática ambiental, a convicção de que a participação social e a cidadania são práticas indissociáveis da Educação Ambiental, a preocupação concreta em estimular o debate entre as ciências, o entendimento da democracia como condição para a construção da sustentabilidade. Em síntese, trata-se de uma “práxis social e processo de reflexão sobre a vida e a natureza, contribuindo com a transformação do modo como nos inserimos e existimos no mundo” (p.35).

¹ Doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação e Assessora Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação da PUCRS. E-mail: ana.freitas@pucrs.br

No contexto desta reflexão, Loureiro (op. Cit.) dá destaque à contribuição de Paulo Freire para a práxis da educação ambiental emancipatória, afirmando que o autor, mesmo sem se declarar um ambientalista, nem ter escrito especificamente sobre Educação Ambiental, teve sua referência legitimada ao fazer a conferência de abertura da Jornada Internacional de Educação Ambiental, em primeiro de junho de 1992, durante o Fórum Global/Rio-92, “evento paralelo à conferência oficial, que aglutinou mais de mil e trezentas entidade de cento e oito países” (p.24). Ao referir a emoção deste momento, o autor refere três bons motivos que justificaram a aprovação do nome de Paulo Freire para a conferência:

(...) ele era a expressão viva de uma educação popular e libertadora (...) porque foi um dos marcos iniciais no Brasil do entendimento dialético da função desempenhada pela educação na sociedade (...) porque sua visão de educação como um processo dialógico pelo qual nos educamos mutuamente mediados pelo mundo e em nome da “ética da vida” era perfeitamente compatível com a Educação Ambiental em sua tendência crítica e popular, com a qual boa parte dos organizadores e participantes desse evento estavam afinados (p.25).

No contexto desta reflexão, o diálogo é compreendido como uma categoria fundante da práxis da Educação Ambiental Emancipatória. A perspectiva freireana do diálogo, em seu conteúdo e forma, traduz, no âmbito praxiológico, a concepção libertadora da educação, sendo esta uma importante referência para as práticas educativas, sejam elas realizadas nos espaços formais ou nos espaços não formais. Todavia, o diálogo freireano não é qualquer diálogo. O exercício do diálogo problematizador, que caracteriza as práticas educativas libertadoras, não se reduz a uma técnica ou metodologia, mas representa uma opção teórico-metodológica de enfrentamento à lógica social excludente, a serviço do desenvolvimento da autonomia dos sujeitos envolvidos. Exemplar a este respeito é o diálogo que se apresenta a seguir, narrado na obra *Pedagogia da Esperança*:

– Muito bem – disse eu a eles. – Eu sei. Vocês não sabem. Mas por que eu sei e vocês não sabem? [...] – O senhor sabe porque é doutor. Nós, não.
– Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas porque eu sou doutor e vocês não? – Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não. – E por que fui à escola? – Porque seu pai pôde mandar o senhor a escola. O nosso,

não. – E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola? – Por que eram camponeses como nós – E o que é ser camponês? – É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor. – E por que ao camponês falta tudo isso? – Por que Deus quer. – E que é Deus? – É o Pai de todos nós. – E quem é pai aqui nesta reunião? – Quase todos de mão para cima, disseram que o eram. Olhando o grupo todo em silêncio, me fixei num deles e perguntei: – Quantos filhos você tem? – Três. – Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife? Você seria capaz de amar assim? – Não! – se você – disse eu – , homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça desta, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é fazedor dessas coisas? – Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, no qual algo começava a ser partilhado. Em seguida: – Não. Não é Deus o fazedor disso tudo. É o patrão! (Freire, 1992, p. 49-50).

Também exemplar a este respeito, na mesma obra, é o diálogo problematizador que se caracterizou como um jogo de saberes:

Gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. (...) O jogo consiste cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês.- Que significa a maiêutica socrática? - Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol. - Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim; disse. Houve uns cochichos e um deles lançou a questão: - Que é curva de nível? - Não soube responder. Registrei um a um. - Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx? - Dois a um. - Para que serve a calagem do solo? - Dois a dois. - Que é verbo intransitivo? Três a dois.- Que relação há entre curva de nível e erosão? - Três a três. - Que significa epistemologia? - Quatro a três. - O que é adubação verde? - Quatro a quatro. Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez. Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isso (p. 48-49).

Estas, entre outras narrativas freireanas, são referência para o exercício do diálogo problematizador, em função do qual a relação consciência-mundo se faz e se refaz em interação com o outro. Nesta perspectiva é que se torna possível a (trans)formação das relações dicotômicas homem/natureza e suas implicações às práticas sociais. A educação,

compreendida como produto-produtora da cultura, e exercida como uma prática social de diálogo de saberes, tem importante contribuição para disseminar novas mentalidades e práticas individuais e coletivas, bem como para fertilizar a elaboração de políticas públicas que dêem conseqüências a esta concepção de Educação Ambiental Emancipatória.

Referências

Freire, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992,

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. – São Paulo: Cortez, 2004.